

O PEQUENO PRÍNCIPE: UMA ANÁLISE GESTÁLTICA¹

Leandra Camila Melo Campos²
Ana Maria Mattos de Andrade³

RESUMO:

Tendo atravessado mais de 75 anos, publicada em diversas línguas e países, a obra **O Pequeno Príncipe**, de Antoine de Saint-Exupéry, tornou-se destaque na literatura e nas artes, sendo eleita por diversas faixas etárias e escolhida para o estudo aqui apresentado. A Gestalt-terapia foi escolhida por ser uma teoria que busca compreender o campo onde acontecem os fenômenos psíquicos, entende que o todo é muito mais do que a soma das partes, e elenca uma série de conceitos, dos quais foram escolhidos alguns que podem nos auxiliar na compreensão desta obra que atrai a apreciação de várias pessoas no mundo inteiro. O presente artigo não pretende esgotar as possibilidades de interpretação dessa grande obra, apenas estimular para que novos estudos entre as áreas de Psicologia e Literatura sejam feitos. Consideramos que ele retrata uma tentativa de compreensão da história que se apresenta, uma vez que foram escolhidos apenas quatro conceitos da vasta teoria, sendo eles contato, *awareness*, figura-fundo e aqui-agora. Na construção deste, foi encontrada certa dificuldade, uma vez que a base conceitual apresenta interligações complexas, sendo necessário então utilizar de outros conceitos para melhor explicar aqueles selecionados. Assim, entendemos que a análise aqui realizada poderia ter seguido por outros caminhos se outros conceitos tivessem sido elegidos. É importante apontar, então, que a pesquisa contempla apenas alguns aspectos, os demais encontrados na teoria, podem ser estudados posteriormente, por meio de outras interseções e olhares.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Literatura. Saint-Exupéry.

THE LITTLE PRINCE: A GESTALT ANALYSIS

ABSTRACT:

Having crossed over 75 years, published in several languages and different countries, the work **The Little Prince**, by Antoine de Saint-Exupéry, became prominent in literature and art, being elected by different age groups and selected for the work presented here. The Gestalt-therapy was chosen because it is a theory that seeks to understand the field where psychic phenomena take place, understands that the whole is much more than the sum of the parts, and lists a series of concepts from which some have been chosen that can assist us in understanding this work that attracts the appreciation of several people in the

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário UNIACADEMIA na Linha de Pesquisa em Práticas clínicas. Recebido em 09/06/2020 e aprovado, após reformulações, em 10/07/2020.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário UNIACADEMIA. E-mail: lmelocampos1@gmail.com

³ Mestre em Psicologia e Psicanálise pelo Centro Universitário UNIACADEMIA e docente do Centro Universitário UNIACADEMIA. E-mail: anaandrade@cesjf.br

whole world. The present study does not intend to exhaust the possibilities of interpretation of this great work, only to stimulate new studies between the areas of Psychology and Literature. We consider that it presents an attempt to understand the history that presents itself, since only four concepts from the vast theory were chosen, being them contact, awareness, figure-background and here-now. In the construction of this article a certain difficulty was found, since the conceptual basis presents complex interconnections being necessary then to use other concepts to better explain those selected. Thus, we understand that the analysis performed here could have followed other paths if other concepts had been chosen. It is important to point out, then, that the research contemplates only some aspects, the others found in the theory, can be studied later, through other intersections and looks.

Keywords: Gestalt-therapy. Literature. Saint-Exupéry.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia, de modo geral, é a ciência que estuda o ser humano, seu comportamento, suas interações com o ambiente e os processos mentais que surgem a partir dessas interações, sendo eles as emoções, sensações, percepções e etc.. O método utilizado para realizar esse estudo é a observação sistemática dos fenômenos comportamentais e psíquicos, e sua posterior descrição. Da mesma forma como definir a Psicologia se mostra uma tarefa árdua, acontece também com a literatura. De acordo com Lajolo (1996), a concepção de literatura se molda conforme as circunstâncias sócio-temporais e, tudo aquilo que é representado pela literatura, seja real ou simbolicamente, surge da interação do autor com a realidade histórica e social na qual ele vive.

Portanto, é razoável dizer que a literatura é uma manifestação artística que tem como propósito recriar a realidade a partir da visão do autor, com base em seus sentimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas. Para além, autor e leitor compartilham de um universo que, quando criado pelo primeiro e recriado pelo segundo, se relaciona ao que se vive no aqui e agora, seja realista ou simbolicamente, de forma intuitiva ou racional (LAJOLO, 1996).

Dessa forma,

A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos de linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1996, p. 38)

No livro **Teoria da Literatura**, Vítor Manuel de Aguiar e Silva (apud LAJOLO, 1996, p. 7) expressa que a literatura é “[...] uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem”. Traçando então um paralelo entre a Psicologia e a Literatura, é possível que se aprenda mais sobre psicologia nos cursos de literatura do que propriamente nos cursos de psicologia (LEITE, 2002), uma vez que, através da linguagem científica utilizada na Psicologia, muitas vezes não se alcança a descrição de fenômenos psicológicos como alguns escritores literários o fizeram.

Assim, o estudo aqui apresentado tem como objetivo realizar uma análise do livro **O Pequeno Príncipe**, de Antoine de Saint-Exupéry, através da Gestalt-terapia, uma vez que

A gestalt-terapia, como qualquer forma de abordagem humana, precisa fundamentar-se nos postulados da ciência, da técnica, da arte e da linguagem, pois esses quatro elementos são alguns dos pilares da relação terapêutica, não obstante os estilos que cada gestalt-terapeuta assumirá com base neles. Alguns se expressam melhor pela teoria, outros pela reexperiência de processos emocionais, outros por um fazer acontecer, e outros, ainda, por uma terapia pela fala. A arte, como um canal livre expressão contemplativa, habita todas essas possibilidades. (RIBEIRO, 2016, p. 26)

Leite (2002), em seu livro **Psicologia e Literatura**, já apontava para a necessidade de se propor uma análise psicológica dos parâmetros pelos quais uma obra se torna artística, já que a possibilidade de estabelecer relações entre a psicologia e a literatura ainda está distante. Como bem indicou o autor, são limitados os estudos que envolvem psicologia e literatura, feitos a partir da Gestalt-terapia. Para realizar então a análise proposta neste trabalho, serão utilizados os conceitos de contato, *awareness*, figura-fundo e aqui-agora, que foram extraídos da vasta teoria da abordagem gestáltica.

No decorrer de sua obra, Leite (2002) menciona que a característica central das grandes obras artísticas é o caráter inesgotável, que permite a interpretação e apreciação da obra em vários níveis, sem que jamais se chegue a uma interpretação definitiva e insuperável. Nesse sentido, o presente estudo não pretende esgotar as possibilidades de interpretação dessa grande obra,

apenas estimular para que novos estudos entre as áreas de Psicologia e Literatura sejam feitos.

2 ENTRELAÇANDO OS CONCEITOS E A NARRATIVA

O Pequeno Príncipe é uma das obras literárias mais traduzidas do mundo, publicada em mais de 220 idiomas e dialetos. De acordo com o site oficial da obra no Brasil (HISTÓRIA, 2011), é o terceiro livro mais vendido do mundo, escrito pelo francês Antoine de Saint-Exupéry e publicado pela primeira vez em 1943 nos Estados Unidos. Antoine de Saint-Exupéry foi um escritor, ilustrador e piloto da Segunda Guerra Mundial, que nasceu em 29 de junho de 1900, e morreu em um acidente de avião em 31 de julho de 1944. Além de escrever, as ilustrações tão características da obra também foram feitas por Antoine de Saint-Exupéry. O livro, que entrou em domínio público em 2015, já foi adaptado diversas vezes, tanto no cinema quanto em espetáculos teatrais e musicais (JADE, 2015).

O livro pode ser classificado como uma parábola (PARÁBOLA, 2020), uma vez que contém preceitos morais e é recheado de simbolismo, e seus personagens trazem lições filosóficas e poéticas, promovendo uma grande identificação do leitor pela obra, e apresentando um significado diferente em cada momento da vida em que o livro é lido. Também é possível identificar diversas críticas à sociedade, e seu caráter existencialista e fenomenológico já aponta para uma forte relação entre a narrativa e a Gestalt-terapia, uma vez que essas vertentes fazem parte da base epistemológica e filosófica da teoria.

O Existencialismo, uma das influências da Gestalt-terapia, entende o homem como um ser que é livre para fazer suas escolhas a cada instante, sendo o único responsável por elas e por seu projeto de vida. Nesse sentido, deixar de fazer uma escolha é, também, fazer uma escolha e cabe ao indivíduo se responsabilizar por ela e suas consequências (CARDOSO, 2013). Assim, a Gestalt-terapia considera o homem como “[...] um ser particular, consciente e responsável, livre para construir seu projeto existencial” (CARDOSO, 2013, p. 62), e sua proposta é auxiliá-lo a assumir a responsabilidade pelo sentido de sua existência e “[...] ampliar sua consciência de si no mundo (ou seja, sua *awareness*) a fim de capacitá-lo a fazer escolhas autênticas e responsáveis e a

organizar sua vida de maneira significativa para si” (CARDOSO, 2013, p. 63).

De acordo com Perls (1977a, p. 99 apud D'ACRI, 2016, p. 191), a expressão artística pode ser compreendida como uma forma saudável e total de projeção. Para além, Rhyne (2000) observa que, ao estimular as pessoas a criar material artístico, cria-se uma ponte entre as realidades interna e externa, de forma que mensagens são enviadas dos artistas a si próprios. Nesse sentido,

[...] tornadas visíveis, as mensagens podem ser percebidas por seus criadores. Já que remetente e destinatário são a mesma pessoa, vale a pena apostar na chances de percepção dessa gestalt, isto é, da totalidade desta configuração (RHYNE, 2000, p. 43).

Assim sendo, toda a história do livro, e também as aquarelas feitas pelo próprio autor, são as questões existenciais de Saint-Exupéry projetadas no livro. Como exemplo, tem-se a profissão do autor, que assim como o narrador, era piloto de avião. Isto posto, o piloto pode ser entendido como uma pessoa que determina o rumo de sua própria vida, mas é impedido pela pane descrita no início do livro, fazendo referência a uma crise existencial, apontando para um impasse que emerge no aqui-agora e paralisa sua vida. Sozinho no deserto, a sorte do piloto só começa a mudar quando ele faz contato com o Pequeno Príncipe e chega ao cerne dessa questão.

O Príncipe e o Deserto são símbolos de importante significação. A imagem do Príncipe se relaciona com a idealização do homem “no sentido da beleza, do amor, da juventude, do heroísmo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 744) e, a ele, atribuem-se os grandes feitos. Não por acaso, é o Pequeno Príncipe quem encontra o Piloto no meio do deserto, “[...] a mil milhas de qualquer região habitada” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 10).

Enquanto que o deserto, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1992), aparece no Cristianismo de forma ambivalente. Pode ser visto como uma terra árida e sem habitantes, mas com a presença de Deus, se torna fecunda. Para além, monges cristãos partiram para o deserto, como aponta o texto abaixo, a fim de viver como

[...] eremitas, para afrontar, aí, a sua natureza e a do mundo unicamente com ajuda de Deus. O conteúdo simbólico do termo aparece muito bem aí, pois logo se deixou de achar necessário ir materialmente para o deserto, a fim de levar uma vida de eremita.

(CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 331)

Pode-se relacionar então, a graça de Deus com o processo de tomada de consciência, de forma que ir ao deserto (de forma subjetiva, assim como os eremitas), pode ser improdutivo - não chegar a *awareness* -, ou fecundo - chegar a *awareness* e dar-se conta do que lhe torna solitário e lhe proporciona uma vida de penitências, ou seja, aquilo que lhe afasta do que é importante e faz sentido para a pessoa.

O conceito de *awareness* é central dentro da teoria e da prática da Gestalt-terapia (ALVIM, 2014), sendo a intensificação desta o principal objetivo da psicoterapia (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). A palavra, de difícil tradução para a língua portuguesa devido sua diversidade de sentidos, pode ser entendida como “[...] um processo pelo qual me torno consciente de minha própria consciência, aqui e agora, no mundo” (RIBEIRO, 2016, p. 74). Nesse sentido, *awareness* refere-se ao encontro do indivíduo com sua totalidade, expandindo sua consciência para além de estar presente, em estado de integração total da pessoa com o mundo (RIBEIRO, 2016).

De acordo com Yontef (1984, p. 3 apud PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 42), *awareness* diz respeito ao “[...] contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio com total suporte sensorio-motor, emocional, cognitivo e energético”. Esse “dar-se conta pleno” (RIBEIRO, 2016, p. 91) é um processo que acontece “[...] pelo contato, pelo sentir (sensação/percepção), pelo excitação e pela formação de *gestalten*” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 33). A *awareness* pode se dar de forma parcial, quando um conhecimento não se apresenta com a vivência do sentimento, ou o oposto, quando há expressão física dos sentimentos, sem apresentar um conhecimento cognitivo (ARRUDA; FERNANDES, 2016).

Essa ampliação da *awareness* pode ser ilustrada com a seguinte passagem do livro

- O deserto é belo - acrescentou...
E era verdade. Eu sempre amei o deserto. A gente se senta numa duna de areia. Não vê nada. Não escuta nada. E, no entanto, alguma coisa irradia no silêncio...
- O que torna belo o deserto - disse o pequeno príncipe - é que ele esconde um poço em algum lugar. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 75)

A significação do poço para os hebreus se relaciona com abundância e fonte da vida, e a água que dele jorra, é uma bebida de vida e de ensinamento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 726). Portanto, uma crise existencial, uma pane no meio do deserto, se olhada com o devido cuidado, como uma figura que emerge, pode ser o momento no qual um poço é encontrado. Poço esse que permitirá ao indivíduo sanar sua sede pelo sentido de sua própria existência, de forma que o rumo de sua vida seja novamente encontrado.

Segundo Ribeiro (2016), a Gestalt-terapia se baseia no conceito de totalidade e é vista como uma terapia do encontro e do contato. Assim como a teoria, o livro diz respeito aos encontros e contatos que fazemos conosco e com os outros durante a vida.

O construto “contato” é utilizado para definir as trocas entre o indivíduo e o meio em que este está inserido, sempre numa perspectiva de totalidade, uma vez que organismo e ambiente são indivisíveis (SILVEIRA, 2016). Logo, antes de ser contato com o outro, trata-se de estar também em contato consigo mesmo em diversas formas, “[...] com corpo, com a mente, com coração, com a natureza” (RIBEIRO, 2016, p. 92), uma vez que desse contato surgem todas as outras formas de fazer contato com o mundo (RIBEIRO, 2016). Para além, os processos de crescimento e desenvolvimento humanos são promovidos através do contato (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2014), uma vez que diz respeito ao ajustamento criativo⁴ entre organismo e ambiente (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Logo no início da narrativa, quando se refere aos adultos, o narrador indica uma dificuldade por parte dos mesmos em fazer contato com o novo, ficando isso exemplificado quando descreve o desenho da jibóia engolindo um elefante. Nessa parte da história, podemos destacar duas frases que apontam para essa dificuldade, sendo elas

[...] a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidade de explicações.
As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, sempre e sempre estar explicando. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 8)

⁴ “Ajustamento criativo é o processo pelo qual o corpo-pessoa, usando sua espontaneidade instintiva, encontra em si, no meio ambiente ou em ambas soluções disponíveis, às vezes aparentemente não claras, de se auto-regular” (RIBEIRO, 2016, p. 64).

Ademais, a relação do Aviador com o Pequeno Príncipe, e do menino com a Rosa e com a Raposa, dizem sobre o “cativar”, muito explorado no livro. Nas palavras da Raposa, cativar significa criar laços, e isso possibilita conhecer o outro. Dito de outra forma, conforme Buber (1982, p. 147, apud CARDOSO, 2013, p. 64):

[...] tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e, contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda a sua concretude. [...] O conhecimento íntimo só se torna possível quando me coloco de uma forma elementar em relação com o outro, portanto, quando ele se torna presença para mim.

Awareness e contato são conceitos diretamente relacionados, onde um não pode ser entendido sem o outro, sendo divididos apenas teoricamente. Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 33), é possível que haja contato sem *awareness*, porém não é possível chegar à *awareness* sem contato.

No momento em que o Aviador encontra o Pequeno Príncipe e esse lhe pede o desenho de um carneiro, fica ilustrada a diferença entre a capacidade de *awareness* de crianças e adultos. Na ocasião, o menino aceita alegremente o desenho de uma caixa, sob o argumento de que o carneiro solicitado estava ali dentro. Podemos relacionar essa postura com o que Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 59) dizem sobre a atividade artística e as brincadeiras infantis.

Por meio da sensação vivida e do jogo com o meio como seus atos fundamentais, o artista aceita então seu sonho e usa sua reflexão crítica: e realiza espontaneamente uma forma objetiva. O artista está inteiramente *consciente* do que está fazendo - depois que a coisa está feita ele nos pode indicar as etapas detalhadamente; ele não é inconsciente em sua atividade, mas tão pouco é em essência deliberadamente calculista. Sua *awareness* está numa espécie de modo intermediário, nem ativo, nem passivo, mas que aceita as condições, se dedica ao trabalho e cresce no sentido da solução. E é exatamente o mesmo com relação a crianças: é a sensação vivida e a brincadeira irrestrita destas, aparentemente sem objetivo, que permite à energia fluir espontaneamente e chegar a semelhantes invenções fascinantes.

Rhyne (2000, p. 37) aponta que as “[...] crianças saudáveis são naturalmente gestaltistas”, ou seja, vivem no aqui-agora com atenção plena e confiam em sua própria experiência, até que o processo de tornar-se adulto

afasta os indivíduos de sua sensibilidade individual e do que é genuíno sobre sua própria natureza. Em busca de aceitação, evitação ou poder, os adultos assumem papéis artificiais, que em nada condizem com o seu verdadeiro eu.

Nesse sentido, os outros adultos que o Pequeno Príncipe encontrou até chegar na Terra, sendo eles: o Rei, o Vaidoso, o Bêbado, o Homem de Negócios, o Acendedor de Lâmpadas e o Geógrafo, apresentam pouca capacidade de *awareness*, uma vez que seus comportamentos e estilos de vida não condizem com a realidade em que vivem. A fim de ilustrar essa dificuldade, evidencia-se aqui o caso do Acendedor de Lâmpadas que, mesmo em um planeta pequeno onde não havia casas nem outras pessoas, continuava a fazer seu trabalho de acender e apagar o lampião uma vez a cada minuto, de forma extenuante e sem descanso, devido a um regulamento, e não refletia sobre ele e sobre a vida que levava por causa dele.

Chevalier e Gheerbrant (1992, p. 535) apontam que “[...] o simbolismo da lâmpada está ligado ao da emanção da luz”. Para a filosofia zen, a lâmpada é o suporte da luz, enquanto essa é a manifestação da lâmpada e, juntas, formam uma unidade semelhante à da concentração com a sabedoria. Os tibetanos consideram a lâmpada de forma parecida, uma vez que ela permite descobrir a sabedoria. O apagar e o acender do lampião pode ser relacionado com as *gestalten* abertas, uma vez que

A Gestalt-terapia também considera até que ponto uma situação incompleta provoca uma tensão interna que, eventualmente, pode contribuir para um comportamento neurótico recorrente que busca o fechamento de tal situação. (RODRIGUES, 2013, p. 126)

Ribeiro (2015) aponta que cada pessoa sabe o que é melhor para si mesmo, é capaz de se ajudar e escolher os melhores caminhos, a fim de atingir seus objetivos. O momento em que o autor começa a fazer contato e resgatar aquilo que é importante para si é representado pelo encontro do Pequeno Príncipe com a Raposa, animal esse que é visto na Sibéria com “[...] certo poder de psicopompo, ou guia das almas, o que parece igualmente atestado por tradições célticas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 769).

De acordo com o Dicionário Priberam (2020), psicopompo seria uma “[...] pessoa que dá conselhos ou orientações”, papel esse justamente desenvolvido

pela Raposa da narrativa. Com esse encontro, a história caminha para o final, podendo ser relacionado então com o fechamento de *gestalten* abertas.

A última personagem encontrada é a Serpente, cujo simbolismo, de acordo com o **Dicionário de símbolos**, de Chevalier e Gheerbrant (1992) está ligado à ideia de vida. Para os caldeus, a mesma palavra usada para serpente também é usada para vida.

René Guénon faz a mesma observação: o simbolismo da serpente está efetivamente ligado a própria ideia de vida; em árabe, a serpente é **el-hayyah** e a vida, **el-hayant** (GUES, 159); e acrescenta - o que é de capital importância - que El-Hay, um dos principais nomes divinos, não deve ser traduzido por **o vivo**, como se faz comumente, mas por **o vivificante**, aquele que dá a vida ou que é o próprio princípio da vida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1992, p. 815)

Assim sendo, com a resolução das questões existenciais mencionadas durante todo o livro, o encontro com a Serpente pode ser visto como o encontro de sentido para a vida.

Os conceitos de figura e fundo dizem respeito à forma como se percebe a realidade, tanto o que se percebe quanto como se percebe. Esses conceitos se complementam de tal forma que um não pode ser compreendido sem o outro. Assim, quando se diz figura-fundo, faz-se referência a uma relação recíproca, onde ambos são vistos com um único olhar (RIBEIRO, 2016). Para além,

A psicologia da Gestalt, tal como já anunciado por Rubin, afirma que nossa percepção se organiza pelo princípio de figura/fundo: percebemos totalidades e, dependendo das circunstâncias, algo se destaca, torna-se mais proeminente, fica em primeiro plano - a figura - , enquanto o restante permanece em segundo plano - o fundo. (FRAZÃO, 2013, p. 102)

A formação de figura/fundo se dá numa relação dinâmica, onde as necessidades e recursos do campo cedem suas forças ao interesse da figura dominante (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Nessa relação, a figura é vívida e clara e se destaca do fundo indefinido, que diz respeito ao campo perceptual. Nesse sentido, “[...] o significado da figura é sempre dado pela relação contextual com fundo” (ARAÚJO, 2016, p. 119).

Os dois conceitos (figura-fundo e figura e fundo) permitem então que se estabeleça a forma como o indivíduo olha para a realidade e dá sentido a ela

(RIBEIRO, 2016). Frazão (2013) aponta que a história de vida de uma pessoa é parte do fundo, apesar de não se fazer contato com isso o tempo todo. A figura que emerge tem sentido a partir dessa relação de figura/fundo.

Podemos relacionar esse conceito ao que emerge das relações estabelecidas entre o Pequeno Príncipe e os demais personagens do livro. Durante sua trajetória, os contatos feitos com os adultos trazem, em sua maioria, uma característica negativa, confirmando a visão do narrador de que os adultos não compreendiam o sentido da vida ou, dito teoricamente, não conseguiam chegar à *awareness*. Nesse sentido, as figuras que emergem durante a narrativa são questões existenciais do próprio autor, e à medida que esse amplia a consciência de si no mundo, novas figuras vão sendo percebidas.

Ribeiro (2016) aponta que os conceitos de aqui e agora, quando pensados de forma isolada - aqui (espaço) e agora (tempo), se tornam apenas abstrações. Porém, quando colocados juntos (aqui-agora), referem-se a um processo de relação, de interligação, fazendo menção ao espaço e tempo psicológicos. Esses conceitos dizem respeito às “[...] complexas formas de contato por intermédio das quais o encontro se faz possível” (RIBEIRO, 2016, p. 31). Nesse sentido, “[...] aqui-agora significa presença total de um dado em questão. Estou totalmente presente, minha existência (meu tempo) se confunde plenamente com minha essência (meu espaço)” (RIBEIRO, 2016, p. 69).

A tomada de consciência do aqui e agora colabora para que o indivíduo se perceba em união, “[...] uma vez que integra as dimensões sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais e permite uma experiência global” (GINGER; GINGER, apud COSTA, 2014, p. 142). Esse termo é utilizado dentro da teoria “[...] para exprimir o caráter temporal do sistema *self*” (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2016, p. 24), uma vez que, para Perls “não há outra realidade a não ser o presente” (PERLS, 2002 p. 146-151 apud TAVARES, 2016, p. 188). Nesse sentido, todas as vivências do indivíduo, ainda que originárias do passado são atualizadas no momento presente.

⁵ “Self é uma estrutura cujo processo pretende revelar o íntimo funcionamento da personalidade ou da pessoa. É também um processo na e da pessoa, que indica um jeito peculiar e restrito de funcionar da personalidade. Podemos dizer, em síntese, que ele é uma estrutura processual. [...] É um dos sistemas da personalidade por meio do qual a pessoa pode ser reconhecida. Como não existe processo em estado puro, o self não pode ser pensado apenas como processo. É um atributo da personalidade, que ajuda em sua estruturação” (RIBEIRO, 2016, p. 170)

Finalmente, no caso do livro, todas as questões existenciais apresentadas pelo autor/narrador, ainda que tenham raízes em escolhas feitas desde a infância, são vividas no momento em que escreve a história e se depara tanto com as mensagens enviadas a si mesmo, quanto com as possíveis soluções para a sua “pane” existencial.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido refere-se à uma análise do livro **O Pequeno Príncipe** através das bases epistemológicas e conceitos da Gestalt-terapia. A narrativa, que entrou em domínio público em 2015, apesar de ser classificada como literatura infantil, é lida e tem significação para indivíduos de todas as idades, sendo reinventada a cada dia com novos filmes, peças de teatro e musicais, e novas formas de publicação.

Esse artigo buscou demonstrar que é possível realizar pesquisas interligando a Psicologia e a Literatura, e está de acordo com os objetivos traçados, uma vez que não se pretendia esgotar as possibilidades de análise desse famoso livro. Ao chegarmos ao final deste projeto, identificamos que outras pesquisas devem ser realizadas unindo esses campos, uma vez que pouca referência bibliográfica específica deste tema foi encontrada.

Por fim, consideramos que ele retrata uma tentativa de compreensão da história que se apresenta, uma vez que foram escolhidos apenas quatro conceitos da vasta teoria. Para além, definir previamente os conceitos tornou-se um trabalho exaustivo, uma vez que a base conceitual é interligada e, muitas vezes, foi necessário utilizar de outros conceitos para melhor explicar aqueles selecionados.

Assim, entendemos que a análise aqui realizada poderia ser ampliada se outros conceitos tivessem sido selecionados. É importante apontar, então, que a pesquisa apresenta a possibilidade de maiores estudos que poderão ser feitos posteriormente, por meio de outras interseções e olhares.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Mônica Botelho. *Awareness: experiência e saber da experiência*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 02, cap. 1, p. 13-30.

ARAÚJO, Maria Gercileni Campos de. *Figura e fundo*. In: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.

ARRUDA, Neuza; FERNANDES, Myriam Bove. *Awareness*. In: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.

CARDOSO, Claudia Lins. *A face existencial da Gestalt-terapia*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. v. 01, cap. 4, p. 59-75.

COSTA, Virginia Elizabeth Suassuna Martins. *Temporalidade: aqui e agora*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 02, cap. 7, p. 131-146

DESERTO. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números..** 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 996 p.

D'ACRI, Gladys. *Projeção*. In: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. *Apresentação*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: Conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. v. 02, p. 7-12.

FRAZÃO, Lilian Meyer. *Psicologia da Gestalt*. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. v. 01, cap. 6, p. 99-113.

HISTÓRIA. In: **O Pequeno Príncipe**. [S. l.], 2011. Disponível em: <http://www.opequenoprincipe.com/historia.html> . Acesso em: 14 maio 2020.

JADE, Líria. "O Pequeno Príncipe" e outras obras viram domínio público em 2015. In: **Uol Entretenimento**. [S. l.], 6 jan. 2015. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/01/06/o-pequeno-principe-e-outras-obras-viram-dominio-publico-em-2015.htm> . Acesso em: 14 maio 2020.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 98 p. v. 53.

LÂMPADA. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 996 p.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**. 5. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2002. 380 p.

MÜLLER-GRANZOTTO, Lorena, MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José. Aqui e agora. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.

PARÁBOLA. *In*: **Dicionário Priberam**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/par%C3%A1bola>. Acesso em: 8 jun. 2020.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. 266 p.

POÇO. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 996 p.

PRÍNCIPE, PRINCESA. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 996 p.

PSICOPOMPO. *In*: **Dicionário Priberam**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/psicopompo> . Acesso em: 2 jun. 2020.

RAPOSA. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 996 p.

RHYNE, Janie. **Arte e Gestalt**: Padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de curta duração**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2015. 236 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: Conceitos básicos. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016. 184 p.

RODRIGUES, Hugo Elídio. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia**: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013. v. 01, cap. 7, p. 114-144.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 1. ed. São Paulo: Escala, 2015. 94 p.

SERPENTE. *In*: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 996 p.

SILVEIRA, Teresinha Mello da. Contato. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.

TAVARES, Gláucia Rezende. Presente. *In*: D'ACRI, Gladys; LIMA, Patricia; ORGLER, Sheila (org.). **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Summus, 2016. 245 p.